

Brasil merece mais ajuda, afirma 'Times'

6 AGO 1983

NOVA YORK — The New York Times, em editorial intitulado A ameaça (que vem) do Brasil", fez ontem um apelo no sentido de que toda ajuda deve ser dada para que o País vença a difícil situação que enfrenta. O editorial ressalta que o Brasil deve merecer da administração Reagan tanta atenção quanto a Nicarágua, e mais compreensão. Lembra que "o crescimento espetacular do Brasil nos anos 70 foi irresistivelmente tentador para os emprestadores estrangeiros" e que eles "alimentaram seu (do Brasil) insaciável apetite para créditos". Salienta, no final, que o Brasil precisa de mais ajuda do que outros devedores "e merece o mais intenso cuidado".

Eis na íntegra o editorial do The New York Times:

"O Brasil merece, no mínimo tanta atenção da administração Reagan quanto a Nicarágua — e mais compreensão. É um país dinâmico, de longe o mais poderoso e o mais promissor da América Latina. O peso dos US\$ 90 bilhões de débito externo ameaça sua estabilidade, a causa da democracia na América do Sul e, mesmo, os alicerces das finanças mundiais".

O crescimento espetacular do Brasil nos anos 70 foi irresistivelmente tentador para os emprestadores estrangeiros. Eles alimentaram seu (do Brasil) insaciável apetite para créditos. O governo militar começou a retrair-se quatro anos atrás, mas não o suficiente. A recessão mundial, juros altos, a expansão rápida de indústrias estatais e o custo do petró-

leo importado deixaram o Brasil sem condições de pagar suas obrigações externas.

O Estados Unidos e o Banco de Pagamentos Internacionais fizeram empréstimos de emergência no inverno passado, enquanto o Brasil recorria ao Fundo Monetário Internacional e aos maiores bancos para mais significativa ajuda. Como deve, o FMI condicionou seu empréstimo a medidas austeras, mas mesmo estas mostraram-se insuficientes. Novo acordo pendente, para inspirar outros empréstimos bancários, exigiria mais cortes em subsídios governamentais e aguda redução na indexação de salários, que tem protegido os trabalhadores contra a inflação.

Tudo isso ocorre num momento crítico para a política do País. Os militares, que têm governado o Brasil desde 1964, estão no processo de devolução do poder aos civis. Demasiada austeridade poderia ser um convite à inquietação e à mudança de suas idéias. Os adversários políticos calaram suas objeções ao "apertar-de-cinto", para não provocar um retrocesso. Mas tem havido inquietantes agitações em São Paulo e tentativa de organizar uma greve nacional de um dia.

Não há escolhas fáceis para ajudar o Brasil. O inadimplemento é uma possibilidade, mas deve ser evitado a qualquer custo — isso privaria o Brasil de todos os créditos externos e tornaria uma recuperação controlada virtualmente impossível. Isso poderia também desencadear uma reação em cadeia de falências bancá-

rias. Uma moratória pode ser inevitável — se for assim, quanto antes melhor.

O FMI propõe austeridade ainda mais rígida, que seria desejável se socialmente viável. O projeto de lei sobre contribuição ao Fundo (aprovado pela Câmara dos Representantes) pede uma dilatação de prazo para os débitos dos países em desenvolvimento e a redução de seus juros, mas alguém teria de pagar. Se forem os bancos, eles recusariam novos créditos necessários; se forem os países-membros do FMI, será difícil obter novas contribuições.

Mais ajuda ao Brasil está vindo através de rápido desembolso de empréstimos já aprovados pelo Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento — e o Banco de Pagamentos Internacionais aceitou a falta de pagamento de seu empréstimo. O secretário do Tesouro Regan diz que os Estados Unidos, provavelmente, não emprestariam mais se solicitados, o que não é muito político.

A recuperação mundial ofereceria o maior desafogo, mas não será bastante forte e bastante rápida para evitar medidas menos atraentes. As mais promissoras parecem ser o programa do FMI — se a austeridade não se chocar com a economia ou a reforma política — aumentadas por mais empréstimos bancários.

"Ninguém pode ter certeza a respeito dos remédios corretos. Mas o Brasil necessita mais ajuda do que outros devedores e merece o mais intenso cuidado."